ANO XII / JANEIRO DE 1954 / N.º 111



Novellae

OLIVARUM

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ANTÓNIO JORGE MARTINS
Redactores — ANTÓNIO BAPTISTA DOS SANTOS
— LERENO SEBASTIÃO DIAS
Proprietário e editor — CARLOS LEONEL PEREIRA DOS SANTOS
Administrador — MANUEL GOMES SOARES

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) ... ... 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

SUMÁRIO

As Boas Festas 1
Meditação do Natal — Carlos Galamba 2
Agonia do Anglicanismo e a Volta a Roma — Rocha Merendeiro 7
Os Nossos Pobres — E. Freitas 13
O Islão em Marcha — José Mendes 15
Sobre os Convertidos — A. Guerra 23
Panorama:
Israel sem Deus 25
Novas Perspectivas no México 26
Uma Peregrinação 28
Um Pastor Luterano interroga 29
Crónica — F. Melro 30



E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

REPRESENTAÇÕES (INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Tecidos pretos



Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30376 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o **clero, seminaristas** e **ordens religiosas.**
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento.

N. B. **Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços**

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

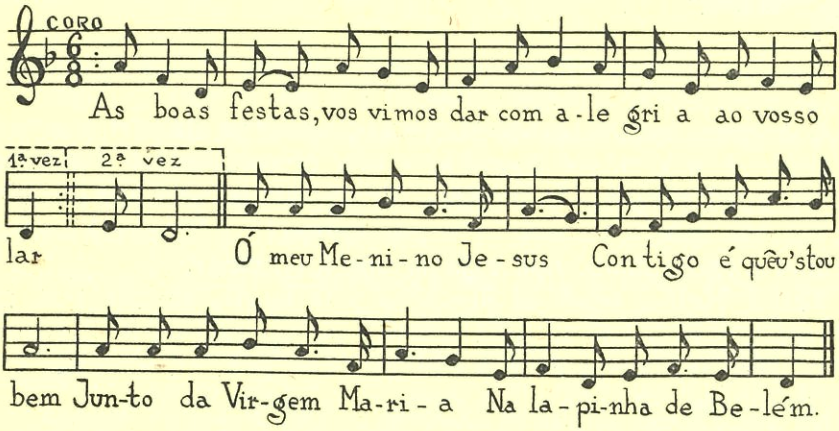
Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

AS BOAS FESTAS



Oh meu Menino Jesus,
Oh meu Menino tão belo;
Só tu vieste nascer
Na noitê do caramelo.

O Menino está dormindo
Nos braços da Virgem Pura;
Os anjos lhe estão cantando:
Meu amor, minha ternura.

O Menino está dormindo
Nos braços de S. José;
Os anjos lhe estão cantando:
«Gloria tibi Dominé».



MEDITAÇÃO DO NATAL

O homem natural conserva vaga consciência de que nasceu para ser feliz. A sua vida é tragédia; e este pressentimento duma riqueza perdida, o instrumento de tortura. Triste existir o do homem natural!

Ele não sabe a certeza. Por que nasceu?... Para quê?... E não descobre a razão duma vida cujo destino é terminar.

Então, muitas vezes se apaixona pela morte, suspira pela morte, mas não por essa «santa irmã morte», tão querida de S. Francisco de Assis. Nem lhe compreende o sentido! Deseja-a..., porém não o move uma finalidade. É tédio o que desperta o apetite do fim.

A vida tem problemas que o homem não é capaz de resolver. Ele procura, em vão, e acaba por mergulhar nos prazeres do mundo para se enganar...; mas não engana, que eles deixam um gosto mau na boca e ainda maior a ânsia duma certeza, duma explicação. Apenas aparece a morte como solução dos problemas da vida.

Solução mesquinha porque aniquilamento; mas já não importa senão uma saída, nem se escolhe qual. O homem afogado na sua natureza decaída caminha para o desespero.

Este, o retrato daquele que provou da árvore da ciência do bem e do mal; que encheu seus ouvidos de ressonâncias demoníacas: «sereis como deuses» (1); e não ouviu a voz da Promessa: «estabelecerei inimizade entre ti e a Mulher, entre a tua descendência e a Sua Descendência e Ela esmagará a tua cabeça». (2)

---

(1) Gen. 3/5.
(2) Gen. 3/15.

E no entanto, em sua alma persiste uma sensação de eternidade, saiba ou não saiba ele que nasceu para *viver*.

Que dor a desta sensação! Que dor bendita, porque só ela é alarme, só ela acorda no homem natural o pensamento de outra realidade, de um estado mais nobre que devia ser o seu e cuja falta, por isso mesmo, sofre a dobrar! Bendita dor, pela qual — quase sempre só por ela — o homem encontra em sua alma as graças que Deus lhe dá!

*

* *

Criado à semelhança de Deus, o homem foi também uno e simples no princípio. Viera de Deus e ia para Deus. A diversidade das suas potências e dos seus actos não quebrava a unidade fundamental da Origem e do Fim.

O seu caminho era simples e suave. No termo, o único Bem era perseverante estímulo à caminhada.

Porém, o homem, tendo embora em vista o único Bem que devia querer, podia querer outros bens, projectados na sua fantasia.

«Sereis como deuses...» Podereis conhecer o fim último de todas as coisas...

O homem tentou-se, fechou os olhos, deixou de ver o único Bem que devia querer — e pecou.

O pecado destruiu a unidade. O homem nunca mais se atingiu um só. A ordenada subordinação dos sentidos às faculdades superiores e destas a Deus, desfez-se. O seu caminho suave e simples tornou-se encruzilhada. Agora, em cada via que nasce nesta, ele vê um bem que o seduz; mas sabe que a escolha duma delas implica renúncia aos bens das outras vias, excepto uma, aquela que conduz ao único Bem, porque aí, ao encontrar-se com Ele, encontrará nEle todos os outros bens enquanto o são. Todavia, até este encontro, também por ali a renúncia é presente.

Depois, o homem abandonado à sua natureza não sabe, não tem certeza de qual a via que leva ao único Bem, que a falta de luz divina dissimula a mentira dos outros caminhos e a sua vontade diminuída nem sempre o atrai à Verdade. E toma um rumo qualquer, arrastando o pesar das direcções que não segue, sobretudo uma saudade do misterioso, do único caminho que o satisfaria.

Trágica sorte a do homem natural! Perdeu a unidade, perdeu a felicidade.

Só quando entrar em sua alma e aí descobrir Deus, lhe voltará a esperança, a certeza de que um dia, «naquele dia que o Senhor fez» (1) para si, há-de recuperar a unidade, há-de experimentar em plenitude a alegria que então conhecerá pela primeira vez.

*

* *

«E o Verbo incarnou e habitou entre os homens». Uniu à divindade a natureza humana. E Cristo — uma só Pessoa — é perfeito homem e verdadeiro Deus.

Mistério de unidade para significar eficazmente que ela havia de ser restituída aos homens, àqueles que, aderindo a Cristo, por Ele seriam unidos ao Pai Celeste por laços de filiação e direitos de herança.

A união hipostática é culminação inatingível e causa da unidade restabelecida no homem pela graça santificante. Cristo é o modelo do homem «novo», ressurgido a uma condição mais digna (embora menos espontânea) do que aquela primitiva nobreza perdida no dia da tentação.

E Cristo nasceu para morrer e «com a Sua morte dar a vida ao mundo». (2) O mistério da Incarnação tem sua razão de ser no da Redenção. Aliás, todos os mistérios de Jesus são desdobramento de um só: o mistério do amor de Deus à obra prima da Sua criação.

«E o Verbo incarnou e habitou entre os homens...» Viveu a vida deles, morreu a morte deles, para os ressuscitar conSigo, para livremente os arrastar conSigo à morada do Pai, onde é a eterna bemaventurança.

E a tragédia do homem foi convertida em drama: A dor não acabou no mundo; mas Cristo, sofrendo-a na Sua carne, purificou-a, deu-lhe sentido e eficácia e ensinou o homem a regozijar-se nela, a ser feliz por ela.

O sofrimento não é mais um beco sem saída. Ele é a estrada normal que leva ao Fim feliz. É aquela via nascida na encruzilhada do homem natural, tornada de novo caminho simples e suave (embora não de modo tão espontâneo como primitivamente), em cujo termo o homem sobrenatural vê, com certeza, o único Bem que todos deviam querer.

---

(1) Ps. 117/24.
(2) Ordinário da Missa.

A caminhada distingue-se, mas não se separa da chegada. O esforço e o repouso formam um só pensamento. E na unidade dos meios e do Fim, o homem recobrou a alegria de viver.

*
* *

Cristo nasceu, morreu, ressuscitou, subiu ao Céu... e continua na terra, em Sua Esposa Mística, na Sua Igreja.

Cristo foi e é entre nós, sob razões diferentes, é verdade, mas nem por isso a Sua presença é menos real.

A Sua Igreja é o Seu Corpo Místico, Corpo vivo de que Ele é a Cabeça. Portanto Corpo uno, porque onde não há a unidade há morte.

Cristo foi e é entre nós... E tantos, tantos homens ainda O não reconheceram! Tantos para quem a vida permanece tragédia, sem outra solução senão a morte — que morte é já aquela vida!

Uns, porque não sabem do Homem da Contradição: toda essa pobre maioria ainda no paganismo.

Outros, porque O rejeitaram positivamente.

Outros, que Lhe pertenceram, como os primeiros pais, e como eles quiseram provar da mesma árvore e agora cumprem um destino igual.

O homem é pequeno demais para saber pecar diferente. No princípio, como pelo tempo em fora, a tentação não mudou: — Encontrareis em vós a explicação de tudo... Vós sois o critério de toda a intelecção... Desobedecei... Quem conserva o poder dogmatiza, para que lhe não roubem o poder... O poder sois vós...

Agora o processo demoníaco é em sentido inverso e reconduz ao ponto de partida: «sereis como deuses».

Orgulho, eis toda a história dos erros dos homens. Orgulho é germen de fragmentação. E a fragmentação é causa de infelicidade.

As sociedades, tal como os homens, são infelizes e estéreis na medida em que lhes falta a unidade.

Pobres Igrejas separadas! A santidade extingue-se. A universalidade é uma quimera. E não se vê que os corpos que elas pretendem ser, resultem do natural desenvolvimento do Embrião apostólico.

Nem santas, nem católicas, nem apostólicas, porque desintegradas, porque não unidas em verdade a Ele, Àquele que com o Pai é Um só, Àquele que veio ao mundo para formar com os homens um Organismo só.

Mil novecentos e cinquenta e três anos depois...

Cristo foi e continua sendo entre nós. E é como se não fôra, que tantos homens ainda O não notaram.

Ele é o Ausente — e a humanidade doi-se de ausências, que é mal tão ruim de sofrer.

Ele veio e está..., mas a Sua acção tem sido sabotada; os Seus braços abertos têm sido atitude frustrada pela cegueira dos homens que não querem ver.

Pobres destes homens, destes membros dormentes do Corpo de Cristo que não olham a morte nem temem o perigo de ser decepados!

Mil novecentos e cinquenta e três anos depois... Uma vez mais principia a passagem da vida de Jesus. Ele, «a nova Páscoa», não é em vão que repassa ao longo dos anos dos homens. Ele quer nascer nos corações que jamais foram Presépio.

Teimosia divina, divinamente amorosa e sumamente amável a persistência invencível de Jesus!

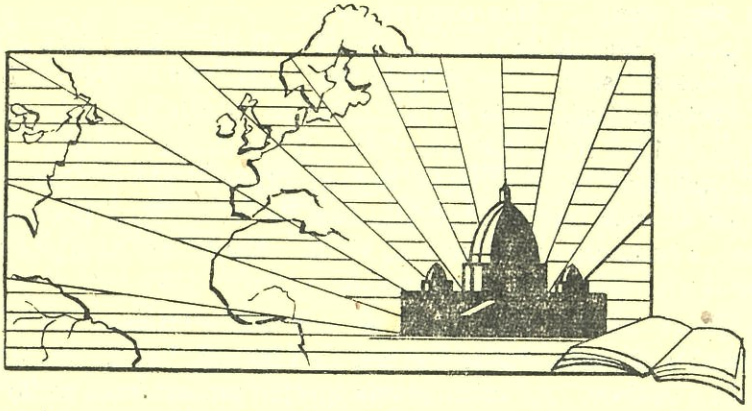
Ele quer... E quer que nós, aqueles em que já nasceu e em que vai crescendo, queiramos com Ele e O supliquemos ao Pai Celeste, com uma perseverança até à importunidade, com energia até ao frenesim:

«Ó Sabedoria, ó Adonai, ó Raiz de Jessé, ó Chave de David, ó Oriente, ó Rei das nações, ó Emanuel — vem ensinar-nos o caminho da prudência; vem resgatar-nos com a força do teu braço; vem libertar-nos, não tardes; vem e arranca do cárcere o prisioneiro, imerso nas trevas e sombras da morte; vem e ilumina os que vivem nas trevas e sombras da morte; vem e salva o homem que formaste do lodo da terra; vem salvar-nos, Senhor nosso Deus». (1)

CARLOS GALAMBA

---

(1) Antífonas Maiores.



A agonia do Anglicanismo e a volta a Roma

O cisma e a heresia protestantes, mais que do próprio Lutero, foram fruto da época em que apareceram. A reforma luterana deixou, contudo, o eu sem freio na ordem espiritual, como já o Renascimento o havia deixado, na ordem das actividades naturais e sensíveis. Foi a instauração do egoísmo metafísico, ponto de partida para os erros modernos. O extraordinário desequilíbrio introduzido pela heresia, produziu o cisma, na altura em que, se era preciso reformar, era ainda muito mais não quebrar a unidade. Por isso, a reforma luterana é em verdade uma falsa reforma. Ela produziu os seus frutos, além demais, por consequência duma lógica, desmedidamente mais forte que Lutero e as suas intenções.

Assim o protestantismo, filho dela, ao mesmo tempo que nascia, trazia em si o virus mortal: o individualismo religioso. Hoje, passados quatro séculos, já é comum afirmar-se não haver protestantismo, mas protestantes. Mais que a verdade possível nesta afirmação, há o sinal dum resultado sintomático. O ente só na medida em que é uno, é também verdadeiro, e só assim poderá ser subsistente. A morte para o erro é uma fatalidade. Mas, ai, este, qual fénix da fábula, permanece, renascendo em novos males.

Após diversas vicissitudes, o Protestantismo inglês de hoje é um caso a meditar. E quem nos poderá negar, não ser ele um exemplo tipo dos seus similares?... Mas observemo-lo.

Em crónica escrita de Londres em 17-VIII-1953, M. Ochoa afirmava, que «o Protestantismo, como religião praticada, não existe em Inglaterra... O Protestantismo hoje é apenas um nome oficial aposto ao passaporte do paganismo mais indiferentista que a história conheceu... Sendo a quase totalidade da população inglesa oficialmente protestante, era natural que as suas igrejas regorgitassem de fiéis. Pois, por muito que lá entrasse, e bastante espreitasse só ainda consegui ver dois protestantes a rezar».

E a prova dava-a com números, dos quais citamos alguns. Em Birmingham, a segunda cidade inglesa, há 1.200.000 habitantes, dos quais 100.000 são católicos. As inumeráveis igrejas protestantes estão sempre vazias. As trinta igrejas católicas têm de organizar, nos domingos, horários de Missas sucessivas, para comportarem todos os fiéis. Em Hereford há 32.000 habitantes, e neles, 1.500 católicos. Dos protestantes, cem vão à catedral; os outros, — a afirmação é dum inglês — , levam vida de animal. Em Londres, é ainda maior, em cada extremo, a ausência ou intensidade de convicção.

Estes pequenos dados recentes vêm confirmar factos mais anteriores. «O Protestantismo na Inglaterra morreu», dizia há anos, um conhecedor profundo do movimento religioso do seu país.

As diversas seitas, afastadas do ensino católico, descambam na indiferença religiosa ou atomizam-se parcelarmente. Desde o último ano de paz até 1943, a Igreja Baptista perdeu 20.000 fiéis e encerrou 50 templos. A União Congregacional perdeu 30.000 e encerrou 52. Os metodistas viram afastar-se 50.000 dos seus adeptos

Tirando os católicos, calculou-se, que só 5 a 6 milhões de ingleses assistam, nos domingos, aos ofícios religiosos, o que representa a debandada de mais de 30 milhões.

A vitalidade da crença religiosa evaporou-se. Um inquérito realizado há anos, à base de diversas perguntas sobre a existência de Deus, da vida futura, da oração, dos mandamentos, deu a conclusão de que a maioria do povo inglês possue só um conhecimento muito ligeiro acerca de qualquer sorte de doutrina religiosa. Uma pessoa por quatro abertamente duvida da existência de Deus; uma pessoa por vinte declara-se

ateísta; duas pessoas por cinco duvidam acerca duma vida futura. Isto à parte dos católicos, que contrastam nìtidamente.

Em Maio de 1949, o Dr. Heenan, Director de *Catholic Mission Society*, fazia declarações também nada consoladoras. Em 1947, um almirante escrevia no Times, que «entre os recrutas da marinha, rapazes de 18 a 19 anos, só 23 % ouviram o Pai Nosso, e apenas 40 % sabiam a primeira frase». «Nos tempos actuais, o povo inglês é um povo religioso sem religião», concluia, há já muitos anos, um escritor... britânico, e hoje temos de concluir nós também.

Não é pois para admirar, lògicamente, o consequente descalabro no campo moral. Basta isto, que já não é nada pouco: no princípio deste século contavam-se por centenas os divórcios; agora, por centenas de milhares.

A máxima de B. Russel foi decisiva. Há tempos um membro da Igreja Anglicana narrava a um sacerdote católico a angustiosa perplexidade em que vivia, por falta de uniformidade de doutrina entre os membros da sua seita: um pastor anglicano dissera, em sermão que «todo o homem é uma massa de pecados mortais». Uma freira anglicana corrigia este exagero com outro não menor: «Eu creio ser difícil cometer um pecado mortal». Outro pastor anglicano, a quem se confessava de ter dito mentiras por motivos comerciais, respondera-lhe: «essas mentiras não são pecados».

A falta de unidade dá este resultado: cada membro da Igreja Anglicana ou elabora o seu credo por si, ou se contenta em aceitar os pontos de vista de algum clérico Mas qual deles pode ter a garantia dum critério da verdade?!...

Esta confusão, anarquia das consciências, esta Babilónia do Espírito, torna mais patente a necessidade maior da Igreja de Inglaterra: a ausência de unidade doutrinal, por falta dum princípio de autoridade libertadora, elo de união, fonte de vida e garantia de subsistência. Apesar das suas tentativas de vida ou de união, apesar de vontades bem intencionadas, o Protestantismo inglês esá redundando em paganismo

Sem a autoridade dum Magistério infalível, sem sacerdotes vàlidamente ordenados, sem obrigações religiosas que se imponham às consciências de cada um, com as facilidades naturais para uma liberdade sem peias, outra coisa, naturalmente, não era de esperar. Neste estado

de coisas, que pensar da reconversão da Inglaterra ao Catolicismo?

*

* *

As seitas protestantes reconheceram já o perigo real de lhes ficar atomizada em mil estilhaços errantes, a doutrina sólida e una de Cristo. Uma certa boa vontade de união tem sido, ùltimamente, por vários factores, uma das características principais dos anglicanos.

Desde a primeira conferência de Lambeth (1867), através de penúltima de 1930, até à última de 1948, têm transparecido sinceros desejos de unidade e cooperação, por parte dos representantes das Cristandades dissidentes.

São memoráveis as «conversações de Malines» de 1921 a 1925, cooperação amigável e privada a preparar caminho a futuras e então definitivas negociações, por iniciativa de Lord Halifax, que teve todo o carinhoso apoio dos católicos na pessoa do eminente Cardeal Mercier.

Todavia a lentidão na reconversão da Inglaterra, ou mesmo, o malogro destas reiteradas tentativas para a unidade religiosa, são factos incontestáveis.

A última conferência de Lambeth, em Agosto e Set. de 1948, deixou perspectivas bem desalentadoras, pelo menos no respeitante à união com Roma. Este problema parece ter sido mesmo secundário, pois os assuntos mais batidos foram, no geral, da ordem social, educação, matrimónio, relações da Igreja com o Estado, e, por fim, o uso bélico da energia atómica. É certo que os 329 bispos representantes de cerca de 20 nacionalidades, reconheceram a necessidade de «incluir» Roma na união das Igrejas Mas logo, recordando a afirmação de Pio XI, de que o único caminho de união com Roma era a submissão ao Papado, irrompeu a recusa de obediência: «Não há possibilidades de tal submissão por parte da Comunidade Anglicana».

As «conversações de Malines», que na conferência de Lambeth em 1930, haviam despertado grande simpatia, mas que não deram o fruto delas esperado, (nem sequer se converteu nenhum dos anglicanos, que nelas tomaram parte), acabaram agora de se tornar mais uma tentativa falhada.

A 19 de Maio de 1925, como conclusão da quarta e última reunião o Cardeal Mercier lia um trabalho — «L'Église Anglicane unie non absorbée» — abrindo perspectivas esperançosas dum plano a congraçar

os privilégios da Igreja Anglicana com os direitos inalienáveis da Igreja de Roma. Depois de ter provado, pela História, que «a Igreja Anglicana, separada de Roma, é verdadeira heresia histórica», e que «a Igreja Anglicana, absorvida por Roma é uma concepção inadmissível», concluia: — «Seria necessário, portanto, se a Igreja Anglicana desejasse pertencer à única e visível Igreja de Cristo, estabelecer entre ela e a Igreja Romana um laço de dependência e submissão ao Sucessor de S. Pedro; por outras palavras, deveria ela tornar-se, não Latina, mas Romana...»

Neste espírito benevolente chegava-se a conceder, que «o Código de D. C., que vigora na Igreja Latina, não seria imposto à Igreja Anglicana ... Se, por acaso se julgasse oportuno para a Igreja Anglicana, não hveria hesitação alguma em não impor o celibato ao clero... A Igreja Anglicana teria a sua liturgia própria, ou seja a liturgia romana dos séc. VII e VIII».

Apesar de todas estas concessões em matéria disciplinar, (pois em assunto do Dogma seriam impossíveis), algumas mesmos planeadas contra as tendências da Cúria Romana, os Bispos Anglicanos acabam de declarar, em 1948, que, «além da questão do Papado, havia ainda muitas outras sérias divergências de fé e prática, entre a Igreja Romana e a Igreja Anglicana, dificuldades estas que tornavam, por agora, impromtedora qualquer expectativa de intercomunhão». A mesma conferência de Lambeth de 1948, proibe os casamentos mixtos, especialmente com católicos, porque isso envolve, «entre outras coisas, o compromisso de educar os filhos num sistema religioso, que eles mesmos não podem aceitar». Noutra parte chega mesmo a afirmar-se, que «assumir tal compromisso é pecado».

Estas desmedidas exigências de liberdade e a recusa obstinada à sumissão a Roma, fazem pensar, e dar inteira razão, àquela frase de H. Belloc, afirmada várias vezes num seu livro: «Humanamente falando, a conversão da Inglaterra é impossível».

E entre as causas por ele apontadas, duas são muito de ter em conta. São elas o patriotismo, (pseudo-patriotismo, dir-se-á pela verdade), e a auto-suficiência. «O patriotismo, diz Belloc, é a religião dos ingleses». O catolicismo, — prejuízo tão estúpido como falso, — é para eles um estrangeirismo, uma certa dominação estrangeira. A submissão ao Vigário de Cristo foi, e será, a repugnância crucial do protestantismo inglês. Acaba de o provar a última conferência de Lambeth.

O insularismo afectou a vida inglesa, e de maneira especial, a religião. O inglês, no geral, continua a fechar-se no velho conservantismo da auto suficiência, e a afugentar preccupações de carácter religioso. É que para ele vale mais «uma onça de factos, que uma tonelada de teorias». Naturalmente, pragmatista, o inglês tem o espírito de tolerância e o culto excessivo da opinião livre Basta recordar as tardes de domingo em Hide Park Corner, onde dezenas de oradores — «charlatões encartados» — arengam frenèticamente às multidões, que se apinham silenciosas em impressionante respeito fleugmático. Isto não pode deixar de ter repercussões, e uma é a apatia religiosa do povo.

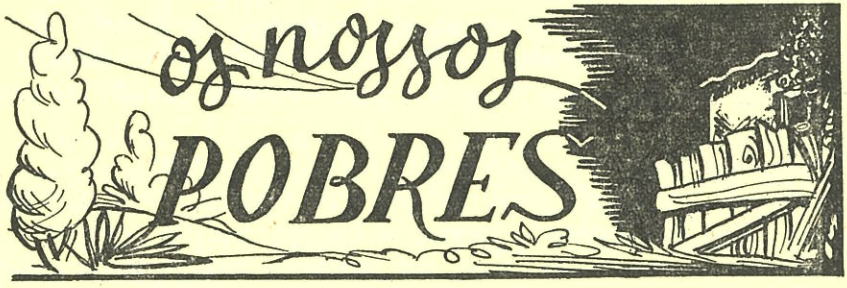
Contar com a conversão da Inglaterra em massa, humanamente falando, é pois impossível. Reconheceu-o o próprio Cardeal Mercier. O método das conversões individuais tem de continuar a ser o caminho a seguir.

«Devo confessar-lhe, que não existe em mim a mínima sombra de movimento interno para tal passo (a conversão). Enquanto Deus estiver comigo onde eu estou, não o procurarei noutra parte... Nunca eu poderei saltar duma Igreja para outra Igreja. Tal acto repugna a todos os sentimentos de personalidade e decência, de caridade para com o meu rebanho e irmãos, de temor e reverência para com o meu Mestre». Isto escrevia Newman a oP. Bareri. Mas, afinal, qual águia estonteada, também ele se veio acolher à sombra luminosa da Cruz redentora. Mais, iluminado pelo clarão do Alto, veio render-se aos pés do altar do Sacrifício.

A conversão de Newman «causou à Inglaterra um abalo de que ela ainda hoje se ressente». Esta frase de Disraeli, ainda agora pode ser repetida com a mesma verdade Mais que um exemplo feito clarão nas trevas, ela foi a alvorada esplendorosa dum dia prometedor. Por entre os escombros do Anglicanismo, que a irredutibilidade religiosa de hoje, em que, mais do que nunca se é por Cristo ou contra Cristo, em que não escolher é já ter escolhido, torna autêntico paganismo, há sem dúvida, virtudes e bons protestantes. Mas mesmo estes, como estão longe da Verdade e da Vida. Longe de Cristo, que é manso e humilde de coração, andam também longe do Caminho!...

Hoje estão a cair por terra escaqueirados os enfatuados mitos olímpicos. Resta aos S. Paulos a ousadia de arvorar a Cruz nos altares desertos!

ROCHA MERENDEIRO



«Tirem-me desta vida; eu não quero viver no pecado!» — eis o arrepiante grito de alarme com que uma das nossas pobres, saíu ao encontro de um dos confrades, quando na hora da visita vicentina passava junto duns trapos e papeis em forma de barraca.

É uma pobre mulher mãe de vários filhos, que se vê nas garras do inimigo e a todo o custo delas se procura libertar sem conseguir.

Depois de muito sofrer física e moralmente, quando mais não podia, deixou-se vencer.

Eram os filhos que lhe pediam pão! Fôra o marido, que, tendo-a reduzido a um estado pior que de escrava, a abandonou, deixando-a na miséria com aqueles inocentes!

Grave problema lhe ocupa agora o espírito: Trabalho... ninguém lho dá com criancinhas nos braços. Que solução tomar? Outra não encontrou — ia dizer, outra não era possível encontrar — senão viver ilegìtimamente com alguém. «Ai do mundo por causa do escândalo! Foi preciso que este viesse ao mundo, mas ai daquele por quem vem o escândalo! Melhor lhe fôra que não tivesse nascido! Mais ganhara se lhe pendurassem ao pescoço a mó de um moinho e o lançassem no fundo do mar».

A censura de Jesus foi para os fariseus daquele tempo, mas continua a aplicar-se aos homens do séc. XX.

A miséria corrompe o coração humano! Para esta mãe, viver

é comprometer a sua salvação. «Eu não quero esta vida... tenham compaixão de mim e dos meus filhos».

Aproximemo-nos do canto a que ela chama barraca — Que vemos?

A mãe deitada nuns trapos, confundidos com o chão; ao lado, sorriem sem vontade aquelas crianças, os homens de amanhã.

Como poderá progredir a sociedade com tais fundamentos? E tudo isto consequência do proceder, digo crime, e não exagero, daquele pai que dá pedras aos filhos que lhe pedem pão, serpentes quando lhe pedem peixe!

Perdeu-se a noção de consciência! Reina a desordem!

Cristo veio ao mundo para que entre os homens reinasse a paz e harmonia. Nós não quisemos receber a luz que nos foi enviada!

Satisfazer os desejos da carne, dar largas ao prazer, numa palavra, viver sem caridade, sem amor — sem Deus — é o programa de todos os que nem sequer chegam a perguntar-se se haverá uma lei moral que lhes proiba tais desonestidades, diríamos com justiça, tais irracionalidades que os próprios irracionais não praticam.

Não exagero — afirmo verdades!

São eles, os Pobres, que nos dão testemunho. E o seu testemunho é verdadeiro.

Tu esperas um dia de Natal tão feliz; sentes o carinho de teus pais na noite da consoada!... E aquelas crianças, quando poderão passar assim o seu Natal?

Depende em parte, de ti.

A miséria humana é muita, mas a misericórdia do Pai Celeste é muitíssimo maior. É preciso confiar n'Ele. É o Pai dos Pobres, o cheio de misericórdia.

O ambiente moral dos nossos pobres dependerá, também, de nós! Eles querem pão; querem um pouco mais de decência; querem possuir um tanto mais do nosso carinho e querem que os tiremos daquela vida!

É justo que o desejem; justo é que os oiçamos. Só deste modo se poderá acudir ao grito de alarme daquela pobre mãe que não quer viver no pecado e pede um naco de pão para os seus filhos.

E. FREITAS

lamismo.

O Islão em marcha

O problema islânico já há muito despertou o interesse e os cuidados dos que têm nas suas mãos o governo da Europa e se sentem responsáveis pelos destinos temporais e eternos do Velho Continente. Mais do que simples interesse e curiosidade, tem causado sérias apreensões nos meios políticos e religiosos.

Dele dependerá, no futuro, a sorte e a orientação da vida política e religiosa, não só na Ásia e na África, como também na própria Europa. De tal modo se nos apresenta que alguém ousou afirmar que se houver um bom entendimento entre o mundo muçulmano e o mundo cristão, a crise da humanidade actual chegará a resolver-se.

A situação é, na verdade, complexa e apreensiva e como tal não nos pode ser indiferente.

O islamismo, tal como hoje nos aparece, é uma política e uma religião. Como política é ambicioso e revolucionário; como religião, fanático e um tanto sensual e materialista. *Não há para o maometano distinção entre o temporal e o espiritual; — a sua religião é a sua política e a sua política, a sua religião.*

Convencido de que os cristãos haviam falsificado a doutrina e o Livro da Lei, Maomé, julgou necessário expurgá-lo de todo e qualquer elemento estranho. Persuadido de que a primitiva religião havia sido deturpada quer pelo judaísmo quer pelo cristianismo dividido e reformado das diversas seitas e verificando que os próprios irmãos, detentores por excelência da verdadeira revelação, se encontravam envoltos na mais hedionda idolatria, empreendeu o profeta Allah a nobre tarefa de implantar no coração generoso do povo árabe o amor ao Deus único, criador e remunerador. A tarefa era, sem dúvida, árdua e difícil. Só o fanatismo dum oriental poderia empreender e levar a cabo semelhante empresa.

Os ensinamentos de Maomé foram reunidos no Alcorão e haviam sido directamente recebidos de Deus.

É o islamismo bastante rudimentar e primitivo no seu dogma, sensual, atraente e ritualista na sua moral. Não admira, pois, que uma tal religião atraísse a si, em tão pouco tempo, tão numerosos adeptos, e se estendesse a uma parte tão extensa do mundo árabe, de tal modo que em menos de dez anos conquistou toda a imensa península da Arábia, iniciando um progresso mais vertiginoso ainda após a morte de Maomé.

Fez frente ao grandioso império bizantino. Entrou, no século VIII na Península Ibérica e nas Gálias, onde a sorte lhe não foi propícia. O mesmo não aconteceu no Continente Negro que em pouco tempo o viu desenvolver-se ràpidamente na sua parte norte e ocidental. Foi o islamismo gozando das conquistas que fizera, e introduzindo-se quase imperceptìvelmente nalgumas regiões, até ao século XV. Em 1453, investiu contra a famosa capital do império bizantino, Constantinopla, e dela se apoderou, instalando ali o principal centro de irradiação e poderio.

Porém, a partir da Renascença, entrou em lenta decadência, permanecendo numa espécie de sonolência de que só haveria de despertar nos fins do século XVIII. Para isto contribuiram, sem dúvida, os grandes acontecimentos políticos dos últimos tempos, como foram, por exemplo, a conquista da Argélia e da Turquia, que levaram o Oriente a pôr-se em contacto com a civilização ocidental, facilitando assim um intercâmbio no progresso científico e técnico. Influenciados e confiantes na civilização ocidental, por ela se deixaram seduzir, procurando adaptar as velhas tradições às novas técnicas e formas políticas do liberalismo europeu.

Como não podia deixar de ser, tal adaptação importava uma profunda alteração nas antigas tradições islâmicas no dogma e na moral. Em breve entraram em acção os doutores da Lei em busca de uma adaptação possível e legítima às novas exigências dos tempos modernos. No entanto, para igualar e mesmo ultrapassar os povos ocidentais, não bastava copiar-lhes os sistemas e os métodos. Era necessário que, ao lado dessa adaptação e inserção na vida social e política do islamismo, se verificasse juntamente um retorno à fé simples e verdadeira, despida de todas as inovações heréticas e desvios politeístas. Equipados com a técnica e os sistemas políticos ocidentais e com a prática reforçada da Lei, estariam em condições de dar ao maometismo a supremacia sobre todas as nações que não partilhavam a sua crença. Esta a opinião dos teólogos do islamismo.

Enquanto se dava uma espécie de quebra nas velhas tradições e se corrompia a verdadeira fé nos princípios rígidos da Lei, enquanto as classes cultas do mundo islâmico se deixavam influenciar pelo liberalismo e pelo materialismo europeu, o povo simples continuava a praticar a fé pura e singela de seus antepassados e a olhar para a influência europeia com olhos de profunda mágoa, tanto mais profunda quanto é certo que via muitos dos seus génios espirituais influenciados por semelhantes progressos.

A esta primeira reacção de desconfiança em si e ânsia de supremacia por meio da adaptação à técnica e mentalidade europeias, bem depressa sucedeu um período de profunda inquietação.

À medida que a penetração do Ocidente se efectuava, fazia-se também sentir a sua influência nas ideias e nas instituições orientais imiscuindo-se na vida material, intelectual e espiritual, multiplicando assim a crise interna, já bastante acentuada e profunda, principalmente entre as classes cultas e dirigentes. A cultura e a educação ocidentais levaram às «elites» muçulmanas o cepticismo e o indiferentismo religioso, então largamente espalhados na Europa.

Bem depressa tomaram consciência da situação difícil em que se encontravam. Orgulhosos da sua missão privilegiada e da supremacia religiosa e política como que envergonhados de se terem deixado influenciar e seduzir por uma civilização vinda do «mundo infiel», bem depressa empreenderam uma forte reacção contra toda e qualquer influência ocidental.

É certo que a penetração europeia conseguiu exercer algum influxo na mentalidade oriental. Não devemos, porém, esquecer que essa penetração foi prejudicial, quer para o cristianismo, quer para as relações políticas e diplomáticas. No campo religioso, foi muito ténue a infiltração das verdades cristãs no espírito muçulmano, devido, sem dúvida, ao seu fanatismo religioso.

No campo político e social parece-me terem sido mais nefastos e perniciosos os resultados. Com o intercâmbio das doutrinas e ideologias do mundo ocidental, apenas conseguimos estabelecer a desconfiança e espalhar o cepticismo, originando assim uma forte reacção da parte do mundo islâmico a tudo o que seja ocidental, quer no campo religioso, quer na esfera política e social. Perdemos toda e qualquer colaboração por parte do mundo árabe, indispensável, hoje, para enfrentarmos o

mundo imenso do comunismo ateu. Além disso, vendo que a influência vinda do ocidente iniciava nos espíritos uma obra de funesta materialização, acentuando ainda mais as divisões internas já existentes, em grande parte motivadas pela laicização das classes cultas e dos teólogos do Alcorão, os muçulmanos sentiram como nunca a necessidade de se unirem cada vez mais, para salvaguardarem a sua crença e combaterem juntos por um mesmo ideal — a expansão das doutrinas de Maomé por todas as regiões do globo.

Assim unidos e inspirados pelo mesmo espírito conquistador e fanático, lançam-se agora à conquista do mundo, confiantes de que em breve o Ocidente lhes cairá nas mãos, não só religiosa como polìticamente. Para melhor garantir o fim que se propõem, lançaram um apelo a todos os irmãos, espalhados pelos três continentes, convidando-os a uma união mais sólida e inquebrantável.

PROSELITISMO NO CONTINENTE AFRICANO

Nova vitalidade desabrocha na vida do islamismo, traduzida por um despertar cada vez mais activo das suas forças latentes. Acorda como que de um longo sono, equipado agora com uma reserva de energias acumuladas durante quase cinco séculos de aparente passivismo.

Se a acção muçulmana se está a desenvolver de uma maneira geral em todos os continentes e regiões onde haja um pequeno núcleo de adeptos, a sua actividade conquistadora faz-se sentir de modo muito particular no Continente Negro. O islamismo manifesta ali a sua vitalidade exuberante não só nos progressos que faz mas também nos movimentos que suscita

A «A. I. Fides» publicou em Janeiro passado alguns números impressionantes sobre o movimento religioso em África. Por eles verificamos que a expansão do islamismo se faz muito mais ràpidamente que a do catolicismo. Em 1939, numa população total de 144.000.000 de habitantes havia 44.000.000 de muçulmanos e apenas 5.000.000 de católicos. Vinte anos depois, numa população total de 200.000.000 de habitantes, o islamismo contava 80.000.000 de adeptos e o catolicismo sòmente 15.000.000. Os números são significativos e não podem deixar de impressionar todos aqueles que têm no coração um verdadeiro zelo das almas e da civilização cristã. O futuro da vasta África desenha-se duvidoso e incerto.

Um futuro cristão ou muçulmano? — A resposta será dada dentro de algumas dezenas de anos. Contudo, o estado presente, deixa-nos antever um futuro pouco risonho para o cristianismo.

São muitos e variados os factores que contribuem para semelhante fenómeno. Alguns deles são idênticos aos da sua expansão em qualquer região do globo; outros, porém, são peculiares e exclusivos, quer da própria estrutura moral e espiritual do povo africano, quer das condições políticas e sociais em que vive, quer ainda do nível de cultura e da situação material em que muitos daqueles povos se encontram.

Eis apenas algumas: — A primeira, não só porque se encontra independente de qualquer circunstância de tempo ou de lugar, mas também pela sua importância capital, parece-me ser a facilidade e vantagens que a conversão oferece. O islamismo é uma religião simples no seu dogma e de muito poucas exigências morais, por isso mesmo de muito fácil adesão. Além disso, o indígena, desprezado e até aqui alheio a tudo o que seja consideração ou prestígio, considera a adesão como que uma promoção a um lugar mais elevado na escala dos valores humanos. O islamismo é considerado não só religião que salva, mas também elevação social que dignifica.

Intimamente ligada a estas, vêm as condições humanas em que se encontram ainda alguns povos da África, principalmente nas regiões interiores. A escravatura, hoje pràticamente abolida nos países civilizados, jogou um papel de grande importância quando os europeus ali chegaram, pois aqueles que se declaravam muçulmanos não podiam ser tornados escravos, como o foram naquela altura tantos e tantos indígenas. Para fugir à escravatura e salvaguardar os legítimos direitos de homens livres, muitos deles aderiram à religião que lhes garantia e assegurava esses direitos. É certo que estas conversões não eram nem profundas nem sinceras, mas explica-se assim a conversão em massa de famílias e mesmo de aldeias inteiras. Devemos juntar a estas causas, a introdução em África de comerciantes e pastores muçulmanos que, impondo-se socialmente, quer pelo prestígio, quer pelo dinheiro, exerciam grande influência sobre os nativos, contribuindo assim em larga escala para a sua adesão às doutrinas de Maomé. Tanto a sua influência se faz sentir no sentimento religioso dos indígenas quanto é certo que todo o muçulmano é por natureza um proselitista e um arauto da religião que professa.

Além disto, a África é terreno propício à sementeira de qualquer crença ou doutrina. Despojados da única religião ali vigente, pela deslocação e desagregação das sociedades animistas quando da chegada dos europeus, os indígenas, ávidos e ansiosos do sobrenatural e do misterioso, procuram no islamismo um substituto dessas crenças e a satisfação dos sentimentos religiosos.

É um facto verificado pelos missionários que os nativos desejam a todo o custo instruir-se. Porém, devido à penúria de meios materiais e à grande escassez de missionários, faltam escolas para os adultos. Donde resulta a frequência em grande massa das escolas islâmicas. Por aqui se vê a urgência do problema do apostolado missionário em África. Esta solução, bem simples na aparência, torna-se bastante difícil na hora presente. Faltam missionários e meios económicos para a manutenção das escolas! No entanto, é questão de vida ou de morte. Da solução depende o futuro religioso e em grande parte o futuro político de África. Islamismo ou cristianismo, eis dilema.

O problema islâmico em África, como aliás nos outros continentes é, na verdade, grave e apreensivo, pois estão em perigo a civilização cristã e a própria estrutura política e social das nações.

MUNDO ISLÂMICO E MUNDO CRISTÃO

Julgo que o primeiro esforço a fazer será uma tentativa de união e bom entendimento entre o mundo cristão e o mundo muçulmano. Na verdade, logo desde o princípio se pensou em utilizar, contra o comunismo ateu, o espírito profudamente religioso e até a organização teocrática do povo muçulmano. Por isso os Estados Unidos, para tornar mais eficaz a luta contra o comunismo, tentaram atrair a si a amizade e o auxílio das potências islâmicas. É certo que esta medida trouxe inconvenientes de certa gravidade. Os árabes aproveitaram a oportuniddae para fazer as suas reivindicações e apresentar solenemente perante o mundo os direitos de independência dos seus irmãos. Daqui resultou todo o complexo problema em que se têm debatido algunas nações europeias possuidoras de colónias no norte de África, principalmente a França.

Se o bom entendimento entre o mundo muçulmano e o mundo cristão se torna indispensável para que, assim unidos, se lancem contra o comunismo ou, pelo menos, para que o mundo islâmico, na sua marcha de

expansão e conquista não abale profundamente os alicerces da civilização ocidental, tal entendimento é, no entanto, difícil de conseguir. A maior dificuldade para a efectivação deste acordo vem, sem dúvida, dos próprios muçulmanos. Eles são por natureza altivos e orgulhosos não só da cultura e doutrina que julgam possuir, mas também da missão privilegiada de implantadores, no mundo, das doutrinas de Allah. Porém, creio não errar ao dizer que também nós em grande parte temos dificultado ou pelo menos retardado este intercâmbio de amizade, quer negativamente, pelo desinteresse com que temos olhado o problema, quer positivamente, recusando adaptar-nos às suas exigências legítimas e úteis. No entanto, só quando o Ocidente e o Oriente derem um ao outro aquilo que lhes falta, chegaremos a resolver a crise da actual civilização que é antes de mais uma crise de espírito, e o mundo ocidental, materializado, como se encontra, muito precisa de que o Oriente lhe dê um pouco de espiritualidade.

Antes de mais, é preciso convencermo-nos de que a amizade e bom entendimento entre o mundo cristão e o mundo muçulmano, se bem que difícil, é possível. Muitos dos que afirmam ser ela impossível, são daqueles que ainda lhe não chegaram a compreender a natureza ou a quem o espírito racionalista obscureceu a inteligência para a compreensão dos problemas do espírito.

É uma realidade consoladora que nos países e regiões em que os muçulmanos são uma minoria e até nalguns em que a religião cristã é praticada pela maior parte da população, as relações de amizade se tornaram fáceis e o trabalho de conjunto, sobretudo no que diz respeito à educação cultural da juventude, se faz sentir grandemente sem prejuízo para a integridade das respectivas religiões.

Para estabelecer um pacto de verdadeira e proficiente colaboração, não é necessário que os muçulmanos se tornem ateus e materialistas, como querem alguns. Há neles incalculáveis valores morais e espirituais cuja perda representaria um grave dano não só para a efectivação de mútuo auxílio na esfera social e política, como tmbém para as energias espirituais da humanidade inteira. Não devemos esquecer que a fé religiosa e a crença num Deus único, criador e remunerador são um valor autêntico e uma poderosa arma de combate contra o comunismo ateu e materialista do nosso tempo. Por isso, o cristianismo não tem que abolir tudo o que há de verdade e convicção na fé transcendente dos

maometanos. É sua tarefa antes purificá-lo e aperfeiçoá-lo, completando-o.

Este trabalho de colaboração, indispensável hoje, não significa, de modo algum, pacto ou solidariedade com os erros da doutrina ou com a moral sensualista do islamismo. É antes o aproveitar dos verdadeiros valores espirituais para com eles defendermos a civilização cristã da iminente catástrofe de que se encontra ameaçada, em nossos dias. É a luta desesperada e terrível do espírito contra a matéria.

A Meia Lua dos desertos escaldantes da Arábia e a Cruz de Cristo caminharão juntas para a realização de um mesmo ideal. Na certeza de que, no final, sobre a calote esférica se erguerá vitorioso e altaneiro o sinal da nossa Redenção. Caminharemos então na esperança sempre crescente do advento luminoso e radiante de um mundo novo, alicerçado sobre os princípios inabaláveis e incorruptíveis dos valores espirituais.

JOSÉ MENDES

SOBRE OS CONVERTIDOS...

Se a conversão religiosa de grandes personalidades desperta hoje menos curiosidade do que em outros tempos, é porque nos nossos dias se tornou episódio corrente.

Depois das aventuras do racionalismo, do materialismo, do deismo e de tantos outros sistemas, tão numerosos como ineficazes, os homens procuram a todo o custo um ponto de apoio seguro, um caminho que os leve para fora do labirinto em que se encontram. Eles buscam a «única saída...»

Podemos afirmar que esta ânsia de verdade e de certeza tomou aspectos de movimento de massa: são muitos os milhares de convertidos que, todos os anos, pedem à Igreja de Cristo a paz e a segurança.

Nas classes cultas de todos os países lavra o incêndio benéfico da inquietação religiosa. Os sistemas humanos, tanto mais decepcionantes quanto mais engenhosamente construídos, não podem satisfazer as exigências de quem aspira a uma certeza fundamental, simples e, por isso mesmo, de ordem sobrenatural. Nunca a dúvida foi bom travesseiro e o puramente humano não basta ao homem. Muitos homens desiludidos do Homem, procuraram Deus; e Deus saiu-lhes ao caminho. Porque a Fé não é a conclusão de um raciocínio correcto nem o resultado de estudo profundo, é que podemos dizer que não foram os homens que acharam Deus, mas sim Deus que foi ao encontro dos homens. São eles que o dizem. Preferiam calar-se, guardando para si sós o que foi esse encontro. Os outros, de fora, não podem compreender: se nem eles próprios compreendem...

É só porque a sua experiência pode servir a estranhos, que eles se dispõem a falar. Muitos se têm convertido porque viram outros converterem-se. A conversão alheia, se não foi a causa directa, foi, pelo menos, a ocasião para o problema surgir — a graça actuar. Por isso os convertidos falam e escrevem.

Mas nem só os que se encontram fora da Igreja podem aproveitar da sua experiência. Nós próprios lucraremos, se soubermos escutar esses homens que viram a luz, ao fim de tantos trabalhos e canseiras. A nossa inteligência e — o que é mais — o nosso coração abrir-se-ão aos problemas dos outros, sentirão os seus anseios, sofrerão as suas angústias. Tornar-nos-emos, assim, mais irmãos dos nossos irmãos e sentiremos mais forte a necessidade de pedir ao Pai comum que se faça encontrado dos que ainda ficaram lá fora.

Ao mesmo tempo a gratidão levar-nos-á a ajoelhar e a dizer a Deus: «Obrigado, Senhor, pelo dom da Fé».

*
* *

Indicamos hoje algumas obras que narram conversões. Também estes livros pertencem ao número dos «que lhe serão úteis».

CONVERTIDOS DO SEC. XX — *Ed. da Revista Magnificat:*

> É a tradução de «Convertis du XX.ème siécle», de F. Lellote. Em fascículos de 16 páginas, na edição portuguesa, é-nos dada uma biografia sintetizada, tão do gosto moderno, de cada convertido.
>
> Encontram-se publicados cinco fascículos estando muitos outros em preparação.

«Nem todos são santos, nem todos teólogos (...) mas todos compreenderam que o mundo não se reduz a um amontoado de matéria, que havia Deus, que havia alma e vida eterna». O fim desta obra deve ter sido o de *fazer sentir* aos homens do nosso tempo isto mesmo. Mostrar um caminho percorrido por outros — que leva à fonte onde poderão saciar-se os sequiosos.

HOMENS QUE REGRESSAM À IGREJA — *por Severin Lamping — Colecção Critério — Liv. Cruz — Braga.*

Neste livro, são os relatos que falam por si mesmos. As interpretações psicológicas foram postas de lado. Os convertidos contam como a Verdade lhes apareceu, sem explicarem, por impossível, a acção da graça. Quarenta e três homens e mulheres vindos de todos os quadrantes do pensamento narram o que foi esse seu encontro com Cristo e a Igreja. A sua leitura faz-nos sentir bem ao vivo quão misteriosos são os caminhos de Deus. Há sempre uma esperança; e os que amam a Verdade, sempre a encontram.

HOMENS AO ENCONTRO DE CRISTO — *por Dom Giovanni Rossi — Colecção Critério. — Liv. Cruz — Braga).*

O autor diz no prefácio que não foi ele que escreveu este livro. De facto, tal como em «Homens que regressam à Igreja», são os próprios convertidos que nos contam a sua aventura maravilhosa. Cada conversão é um drama novo. Sigrid Undset, uma das testemunhas que depõem, afirma: «Se todos os convertidos que entraram na Igreja Católica narrassem o seu itinerário para Roma, não se encontrariam provàvelmente dois percursos idênticos».

A VIAGEM DO CENTURIÃO — *(por Ernesto Psichari — Casa do Castelo Editora — Coimbra.*

Psichari escrevera anteriormente «As vozes que clamam no Deserto», contando o seu magnífico roteiro espiritual. Por um sentimento de pudor quase escrupuloso, diz Maritain, renunciou a esta primeira versão, em que se apresentava a si próprio em cena, e compôs a «Viagem do Centurião».

Maxêncio, tenente do exército, vai para a África em missão militar. Lá, o Deserto — Deus — fazem-lhe sentir mais o vazio do temporal pondo-o em contacto quase físico com o Eterno.

O livro é o relato da sua caminhada para Deus: termina com Maxêncio a cair de joelhos para rezar «Pai Nosso».

LA NUIT PRIVÉE D'ETOILES — *por Thomas Merton — Editions Albin Michel — 22 rue Huyghens — Paris).*

«Nasci a 31 de Janeiro de 1915; à sombra dos Pirineus, livre, à imagem de Deus e prisioneiro da minha natureza violenta e egoísta à imagem do mundo». Diz o A. no princípio do livro.

Depois de anos de liberdade — e libertinagem — Thomas Merton ouve o apelo de Deus; converte-se e faz-se monge trapista. Só no mosteiro, numa vida de silêncio, oração, trabalho e obediência, se sente completamente livre e em paz.

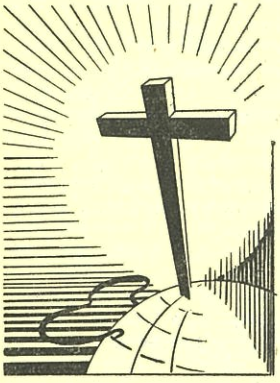
«La nuit privée d'étoiles» lê-se com o interesse de um romance. Ao mesmo tempo, é um livro que muitas vezes fecharemos para melhor meditarmos.

LES GRANDES AMITIÉS — *por Raissa Maritain.*

Além de narrar a sua conversão e a de Jacques Maritain, a A. dá-nos a posição espiritual de alguns nomes grandes como os de Bergson, Leon Bloy e Psichari.

Noivos, Raissa e Jacques Maritain, desesperados da ciência e do cepticismo elegante e materialista da Sorbona, decidem tentar o último esforço para encontrarem uma razão para viver. Se a não achassem, suicidar-se-iam. Encontraram Bergson, Leon Bloy — o Caminho para Deus; e logo acharam um motivo para viver.

A. GUERRA



PANORAMA

Israel sem Deus

A perseguição anti-semita, atingiu nos últimos tempos, mormente na Europa, um grau de inaudita violência. Este povo vigoroso, com tradições ancestrais profundamente arraigadas, sentia-se proscrito, sistemàticamente eliminado, consistindo o seu único crime em ser judeu.

Por isso creio poder afirmar-se que o movimento sionista nasceu da perseguição e é antes de mais um grito angustioso de desesperados.

Enganar-nos-íamos redondamente supondo que o desejo da restauração do Estado de Israel tivesse em vista a aspiração religiosa judaica de honrar e servir o seu Deus dignamente. Não. Isso foi apenas uma plataforma de propaganda para a consecução do outro fim: a criação de um Estado judaico onde normalmente pudessem viver livres de humilhações e perseguições. E a atestá-lo aí está a ausência total de Deus no novo Estado de Israel. Na Assembleia Nacional apenas 25 % dos deputados têm tentências religiosas e alguém com autoridade e responsabilidade dentro de Israel não receia afirmar que «o movimento sionista nada tem que ver com a religião visto que a maioria dos seus dirigentes são livres pensadores».

A par disto verifica-se e acentua-se o progresso material em grande escala. Com uma energia indómita aliada à proverbial ganância lançaram-se, povo e dirigentes, na criação de novas fontes de riqueza num país que conquistaram pela astúcia e defenderam pela violência.

As energias religiosas deste povo desviaram-se do seu verdadeiro fim e tomaram um rumo quase materialista, procurando apenas a grandeza e bem estar naturais à margem de toda a influência sobrenatural.

Assim, assistimos nós à profanação de lugares santos que por cristãos ou judeus deviam ser venerados com o maior carinho. No Monte Carmelo vão levantar-se grandiosos edifícios públicos sem o menor respeito pelas velhas tradições e memória de seus antepassados, e as praias do lago Tiberíades, onde tantas vezes ressoava a voz bendita do Messias, são hoje centros de mundanismo pagão e bases de hidro-aviões.

Deste modo o judeu sincero que hoje chega a Israel na ânsia de contemplar os lugares sagrados que conhece da leitura frequente da Bíblia sofre a angus-

tiante desilusão de os ver profanados pelos seus próprios irmãos de raça. Sente-se estranho, d e s l o c a d o numa atmosfera de indiferentismo e ateísmo blasfemo. Vacila, duvida, acomoda-se, enfileira no mesmo sentir e tudo morreu nele, mas a vida continua...

A juventude é educada fora da linha tradicional do judaísmo e por isso das novas gerações pouco há a esperar.

No entanto o povo judeu continua a ser o guarda fiel de promessas eternas. Dele saiu o Messias no qual não acreditaram e a quem crucificaram. Hoje sofrem por esse crime. Apesar disso, a sua conversão é necessária à face do Novo Testamento para a realização final do Reino Messiânico. A reunião do povo judaico no grande lar nacional está em parte realizada; falta a conversão religiosa.

Por ora não há solução e o futuro vislumbra-se de mau agoiro, tanto mais quanto é certo que Nazaré é hoje o centro mais activo de propaganda comunista no Próximo Oriente.

Israel continua a não acreditar em Jesus Cristo. Uns renegam as próprias crenças, outros escurecidos por uma cegueira milenar continuam a carpir lamentações junto dos esburacados muros da velha cidade de Jerusalém, suspirando pela vinda do Messias que fulgurantemente colocará o povo judeu em dominador e condutor dos outros povos.

Não, Israel não encontrou ainda o seu caminho verdadeiro.

M. AFONSO

Novas perspectivas no México *

«Quatro padres fusilados em Sampilo...» »O Materialismo Dialéctico proclamado base do novo programa de Educação do México...» «Todos os conventos do México encerrados...» Tais eram os títulos que encabeçavam, não há muitos anos ainda, as notícias vindas daquele país. Era, então, opinião corrente, que o México constituía o teatro da mais intensa perseguição da História Moderna.

No entanto, quem, hoje o visita, ouve já o festivo badalar dos sinos; nos jornais encontra reproduzidas, em lugar de destaque, as últimas declarações do Episcopado; na capital, admira mais de cinquenta igrejas em construção ou reconstrução; v e r i f i c a que, frequentes filmes de assunto religioso, atingem semanas de exibição. Enfim, encontra tais manifestações de religiosidade, que fàcilmente conclui, haver ressuscitado o antigo país católico.

Mas, este quarto de século de paz de que ele vem gozando, foi precedido de desanove anos, 1910-1929, de revoluções contínuas, insegurança inquietante.

Foi o Presidente Calles, eleito em 1924, quem abriu fogo contra a Igreja, iniciando assim, o período mais negro da História do México Católico.

A reacção, porém, não se fez esperar. Dentro em pouco, se formou um exército revolucionário de Católicos que a si mesmos se chamavam «cristeros» (discípulos de Cristo-Rei). Conseguiram abrir caminho para a paz e para a prática livre da Religião. Viram a sua acção coroada de pleno êxito, quando em 1936, se celebrou a primeira missa pública, na Capital. Ao mesmo tempo, reabriram as portas das igrejas onde de novo tocaram os sinos.

Desde essa data, prodigiosa mudança conheceu o México. Se antes era um país inóspito, com contínuos assaltos, revoluções, assassinatos, hoje tornou-se acolhedor, moderno, com largas avenidas, brilhantes arranha-céus. Ao mesmo tempo, os programas de industrialização, os sistemas de irrigação, os projectos de alojamento, os tratados de comércio, vieram satisfazer as aspira-

* «Extension» (Nov. 1953), 1307, S. Wabash Ave, — *Chicago.*

ções das classes trabalhadoras.

Este progresso, permitindo a paz social favoreceu imenso o desenvolvimento do cristianismo. Aliás este, progride muito mais, numa sociedade sólida, em paz consigo mesma, do que em outra, onde se debatam as mais diferentes ideologias.

Alguns observadores olham, no entanto, com pessimismo o futuro do Catolicismo mexicano. Como motivo das suas apreensões, apontam-nos que o México é «Terra de Vulcões». Porém, novecentos e noventa e nove em mil desses vulcões estão mortos, e se a Igreja se firmar com uma Fé verdadeira e grande, esse mesmo vulcão ainda vivo, morrerá também, muito antes de se pensar na sua extinção.

Mas, aqueles observadores continuam: apesar do real rejuvenescimento religioso que se nota por todo o país, não desapareceram ainda da constituição as leis anti-católicas de 1917.

No entanto, essas leis não são já hoje respeitadas. Por exemplo, a Constituição proibe a existência de escolas dirigidas por freiras, mas ninguém ignora que há milhares desses estabelecimentos espalhados por todo o país, sob o nome de Academias. É proibido também, que qualquer escola forneça educação religiosa, todavia as cadernetas escolares das Academias registam uma disciplina de Religião. Não são permitidos também, os hábitos religiosos, mas é impossível não reconhecer, em plena rua, as freiras, nos seus longos vestidos negros e com o crucifixo ao peito. Quanto aos sacerdotes, todos eles vestem hoje de preto e se, na capital, ainda usam gravata, em muitas das outras cidades já não ocultam o cabeção.

Por outro lado, a Câmara dos Deputados deu já o primeiro passo para a abolição dessas leis. Efectivamente, ao permitir ao Presidente Aleman que restituisse à terra, onde em 1531 apareceu ao índio Juan Diego, a Santíssima Virgem, o seu antigo nome de Vila de Guadalupe, o Senado iniciou, possìvelmente, a revisão da Constituição nesse ponto. Como tantas outras terras, praças e ruas, também aquela «villa» viu o seu nome católico substituído pelo de Villa Madero, um dos chefes revolucionários ateus, a quando dos tempos de perseguição.

Igualmente, a imprensa tem prestado a atenção devida a este ressurgimento religioso. Assim, os três maiores diários da Capital, Novedades, El Universal e Excelsior, todos pró-governamentais, não deixam de assinalar todos os pormenores que a essa renovação digam respeito. A abolição do divórcio no Estado de Morelos, há alguns meses, e o decreto que pôs fora de lei o partido comunista, receberam deles entusiásticos aplausos. Ainda não desapareceu, no entanto, a antiga imprensa esquerdista e anti-católica, e nela se encontram frequentes sátiras ao aparecimento nas igrejas de velhos revolucionários, como o pintor Diego Rivera, no casamento de um amigo.

Apesar de tudo não podemos estar absolutamente confiantes. O Mexicano é homem de valor. Se é certo que o seu sangue espanhol é igual ao de todas as outras repúblicas hispano-americanas, o mesmo não sucede já, com o puro índio rural. Este é mais vivo, mais apto a finas pinturas e arquitectura imaginativa, a novas ideias, a acção mais rápida e também à violência. Por isso é legítimo temer qualquer imprevisto. Mas, também é certo que, o Mexicano, quando não foi seduzido por maus dirigentes, conheceu períodos de tranquilidade, canalizando as suas energias para o progresso do país.

Por outro lado, o maior perigo que agora pode deflagrar no país é o comunismo; mas também tudo leva a crer que os próximos cinquenta anos serão de paz, pois o bem-estar de que o Mexicano tem gozado nos últimos anos não lhe faz esquecer a dura e longa experiência de 1910 a 1929. Vem a propósito contar o caso daquele operário que dizia absolutamente convicto: «Não estamos caminhando para o comunismo». Interrogado sobre os motivos da sua afirmação, respondeu lacònicamente: «Já o tivemos». Esta resposta poderia ser dada por todo o mexicano.

Florescentes dias se avizinham, para a Igreja, no México, mais uma vez se verificando a palavra de Tertuliano: «Sangue de Mártires, Semente de Cristãos».

Adapt. de J. VIEIRA MARQUES

Uma peregrinação

«A Igreja do Oriente tem necessidade de ser conhecida e amada», afirma o Cardeal Tisserant. E como ela todas as outras separadas. Mas conhecer e amá-las é inquietação constante da Igreja Católica.

Para a unidade e regresso ao redil único de todas as ovelhas dispersas falta o sentirem-se amadas. O filho pródigo não teria regressado se não conhecera o amor que o pai lhe tinha. O Papa é o expoente desta caridade que desperta os indiferentes e suscita a admiração pela Igreja de Cristo nos que se encontram longe. E porque autêntica, esta caridade, quebra os preconceitos e leva à aproximação os que dela são objecto.

Queremos referir-nos a uma peregrinação a todos os títulos singular, porque de separados de Roma que acorrem a Roma. Foi em Julho de 1953.

Quarenta os peregrinos. Uns greco-russos, outros anglicanos e um luterano.

Bárbara Simonds, episcopaliana vence as dificuldades e organiza a peregrinação. A ela se juntam três católicos, dois sacerdotes e um leigo, com fim de prestarem auxílio na romagem.

Não é peregrinação de turistas, mas de autênticos peregrinos que se reunem todas as manhãs numa igreja católica para celebrarem os respectivos ofícios. A sua preocupação primeira é venerar os lugares consagrados através da História da Igreja e neles recordar esse passado glorioso.

Visitam as catacumbas de S. Calixto, as grutas do Vaticano, S. Paulo extra-muros, a Basílica lateranense, a igreja de «Gesú».

A culminar, uma audiência especial no Vaticano. São frequentes estas recepções de não católicos pelo Pastor supremo dos que o são. Todos se sentem felizes ao ser abençoados por ele. Pio XII é simples, duma bondade que impressiona. Destas audiências nasce tantas vezes o movimento de atracção e simpatia pela Igreja católica, ou pelo menos o cair de preconceitos. Com esta peregrinação foi a bondade habitual. O Papa deixou-se fotografar com eles e dirigiu-lhes a palavra:

«Peregrinos, chegados a Roma, para orar, para encontrar aqui inspiração e conseguir uma renovação da vida da alma na sua viagem terrestre para Deus

Sim, sois benvindos. Tendes passado aqui dias em que a Sagrada Liturgia invoca inúmeros e antigos pioneiros do cristianismo, que derramaram abundantemente o seu sangue quando da fundação da Igreja em Roma. E Nós podemos esperar que a voz se eleva dos seus Sagrados túmulos e Santuários despertará no vosso espírito as memórias deste exército incontável: mártires, confessores, virgens, outros tantos heróis cuja inquebrantável fidelidade à fé pregada por Pedro e Paulo venceu a tirania do mundo e a crueldade dos déspotas...

Amanhã a Igreja, sobretudo Roma, comemora aqueles dois brilhantes chefes: São Pedro e São Paulo que estenderam sobre a nossa cidade tal glória eterna.

Pedimos que a luz dos seus ensinamentos e exemplos ilumine a senda de cada um de vós».

A atitude do Papa para com os dissidentes é a de toda a Igreja Católica. Eles sentiram-se amados. E consequentemente nasceu neles um movimento de estima e aproximação pela Igreja Romana.

B. S.

Um pastor luterano interroga os seus correligionários sobre os católicos *

O Dr. Asmussen, pastor luterano de Kiel, vulto de relevo na Igreja evangélica alemã, e conhecido pelas suas simpatias para com a Igreja Católica, dirigiu-se recentemente aos meios evangélicos alemães nos seguintes termos:

O problema ecuménico impõe-se-nos irresistìvelmente. A todos estão bem patentes os progressos realizados neste domínio. Não obstante, continua a ameaça de vermos no lugar da única Igreja de Cristo dois blocos estranhos um ao outro.

Será que a Igreja Católica se exclui a si própria? Será ela excluída pelas igrejas não católicas? Esta situação é intolerável. Nós, os cristãos evangélicos, estamos perante uma série de problemas de consciência.

Peço-vos que considereis, vós mesmos, as questões seguintes:

1) Estamos nós prontos a aceitar sem reserva todo o cânon bíblico? Ou pelo contrário declaramo-nos livres de toda a sujeição às Escrituras ditas «católicas» (Evang. de S. Lucas; Actos dos Apóstolos; Epístolas aos Coríntios; Ep. aos Efésios, Colossenses, Timóteo, Tito; 2.ª Epis. de Pedro e a de Tiago)?

2) Como explicamos nós o facto de que a Igreja Católica na Alemanha exerça hoje uma acção espiritual muito mais poderosa que a das igrejas evangélicas — (Literatura, aumento de vocações sacerdotais, assistência aos ofícios divinos, generosidade na doação de si mesmo, etc.)?

3) Como se explica que nas regiões protestantes, o protestantismo popular, na opinião de muitos, queira dizer: pouca fé, nenhuma penitência, nada de reparação, rezar raramente, frequentar pouco a igreja? Como se explica então que nós ousemos, sem mais distinções, ter o catolicismo popular como «O Catolicismo»? (Espanha, América Latina).

4) Como se explica que nós tenhamos medo de estudar o catolicismo tal qual é hoje, e persistamos em considerá-lo tal como era há quatro séculos?

5) Como se explica que entre nós, a rejeição de verdades fundamentais do cristianismo — (Trindade, Filiação Divina, Morte Redentora, Juízo Final), passe como falta de delicadeza em matéria de fé, enquanto estamos prontos a liquidar o catolicismo em bloco com uma fórmula que data do s. XVI?

6) Como se explica que as igrejas evangélicas, até hoje nunca tenham protestado oficialmente quando, em nome da Igreja Evangélica, o Aufklaerung combate a Igreja Católica, visando na realidade o próprio cristianismo como tal?

7) Como se explica que nós, cristãos evangélicos, procedamos como se estivéssemos de acordo sobre a doutrina da justificação pela fé, quando um estudante do 1.º ano pode verificar que não é assim?

8) Como se explica que os interesses políticos e dinásticos que se encontram na origem da divisão da Igreja, continuem sendo ainda hoje, mais do que a doutrina, os motivos de maior peso para manter esta divisão?

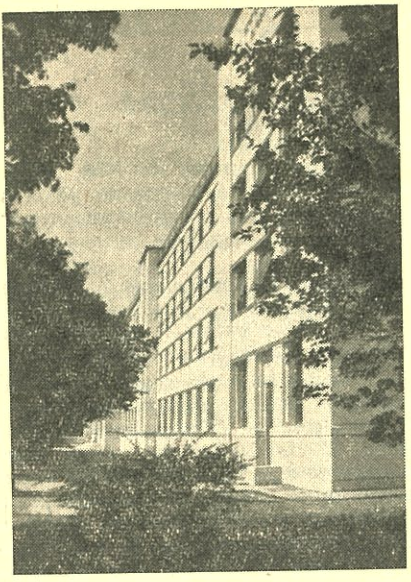
Não tenho coragem de deixar que as coisas continuem assim. A oração de Jesus será ouvida; mas existem forças de activas que, em oito anos de paz, têm afastado mais as Igrejas, do que Deus as havia aproximado a golpes dolorosos, em doze anos de perseguição.

Trad. de F. M. CARVALHO

---

* «L'Actualité réligieuse dans de monde» (n.º 15, 1-XI-953), 31 — boul. de Latour — Maubourg, Paris.

Crónica



18 de Novembro

Foram 24 longos anos de Pastor da Igreja Olisiponense que passaram para o nosso Eminentíssimo Prelado.

Para nós foi dia de regozijo e de acção de graças.

Quando todos choram o medonho estado do mundo actual; quando nos vemos cercados por duas revoluções; quando ansiosamente há quem pergunte que posições a tomar, quem procure desnorteado o verdadeiro caminho, quem deseje marcar presença; quando já não satisfazem manifestações espalhafatosas ou entusiasmos vazios; quando se exigem factos e se demandam vidas, a vida de Sua Eminência é uma resposta que norteia e incita.

18 de Novembro foi dia de acção de graças. Bendito o Senhor que pôs à frente da Igreja de Lisboa tal Pontífice, Mestre, Pastor e Exemplo! Momento culminante dessas graças a Deus foi o Santo Sacrifício na Igreja-Mãe do Patriarcado.

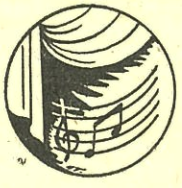
18 de Novembro foi dia de regozijo. À tarde, efectuou-se uma sessão de arte no salão de festas do Seminário. O ambiente era simples e restritamente familiar. O aluno do 4.º ano teológico, Horácio Correia, evocou os momentos simbólicos da vida do nosso venerando Prelado, ultrapassando a mera consideração histórica para se fixar no alcance sobrenatural da obra do Senhor Cardeal Patriarca.

Sob a regência do Senhor Padre Viçoso Freire, a Polifonia interpretou números de Mendelssohn, Laurent, etc..

No palco foi apresentado um dos «autos» de Gil Vicente, o da «Barca do Inferno». A representação saiu airosa e bem-dispôs os assistentes. Donde novamente se concluiu como o talento de Mestre Gil é perene e sempre gracioso.

O Senhor Cónego Vice-Reitor deu fecho à sessão recordando quanto devíamos a Sua Eminência que por nós se vem consumindo.

Música Sacra : Arte e Oração



Anda connosco uma tradição que procuramos não descurar: — a da muita importância da música-sacra na formação sacerdotal e do largo interesse pelo seu valor artístico e apostólico. Procuramos seguir na esteira aberta por grandes mestres que ensinaram neste Seminário.

A música-sacra sublima a analogia que existe entre oração e arte. É a beleza participada que se orienta para a sua fonte pelos caminhos do sobrenatural.

Vem isto em comentário do muito que

sucedeu nos últimos tempos da nossa actividade musical.

Para o ensino do canto gregoriano foi transferido do Seminário de Almada o Rev.mo Senhor Padre José Nunes Ferreira. Vem não apenas continuar a tradição que nos deixaram todos os mestres anteriores, mas também iniciar novas ascensões a um mais cuidado estudo da música gregoriana que há-de aperfeiçoar a vida litúrgica, segundo o plano dos Sumos Pontífices. Pelo trabalho e dedicação de Sua Reverência, a nós mesmos nos felicitamos.

*
* *

O cinquentenário do «motu-proprio» de Pio X «tra le sollecitudini», celebrámo-lo com apropriada solenidade. Em Lisboa, na Igreja de S. Roque, foi cantado solene Pontifical por S. Ex.a Rev.ma o Senhor Bispo de Priene. Participaram na execução do canto, além do nosso Coro, muitos fiéis para quem a Liturgia se vai tornando, felizmente, uma realidade vivida.

À noite, a Academia de Santo António levou a cabo uma sessão comemorativa que deveu todo o seu interesse ao trabalho incansável e ao fino gosto artístico do Senhor Padre Viçoso Freire. Presidiu o Senhor Arcebispo de Cízico. Um grupo de vozes selectas, acompanhado de instrumentos, ia exemplificando uns bem urdidos apontamentos do Rev.mo Padre Viçoso Freire, que historiavam a evolução do canto polifónico. Desde os trechos de notável sabor arcaico e acanhado desenvolvimento harmónico até à Polifonia clássica portuguesa; desde as inovações da Palestrina a alguns bem executados solos da época renascentista; desde o descalabro da música-sacra com o celebrizado «rococó» à tão desejada restauração neste século, todas as anotações e exemplos foram escutados com agrado pela assistência. Bastante para nos mostrar quanto havia de ridículo em algumas partituras dos nossos velhos mestres-de-charanga e quanto urgia a reforma de 1903, foi o memorável final de certo «Gloria» cujo amen se repetiu 64 vezes durante alongados minutos e em sucessivos arroubos e plangências...

*
* *

Em razão do mesmo cinquentenário, esteve em Lisboa, onde falou pùblicamente e regeu a Missa da comemoração em S. Roque, o monge beneditino de Solesmes, D. René-Jean Hesbert. Preparando essa Missa, deu-nos aula de canto gregoriano. Foram preciosos os ensinamentos que nos trouxe, dando-nos assim, alento para melhor interpretarmos as sagradas melodias que deveram a sua actual restauração ao trabalho ousado e valiosíssimo da Abadia de Solesmes.

*
* *

Vindo à Europa em viagem de estudo, esteve connosco o Padre Enrique Lombardi, musicólogo argentino, lutador entusiasta pela Música Sagrada na sua pátria. Dirige a Revista de Música-Sacra «Psallite»; ocupa a cátedra de Harmonia e Canto Gregoriano na Universidade de Eva Péron (antiga La Plata); é professor de música-sacra nos dois seminários da Diocese de La Plata, etc..

Assistindo a um dos nossos ensaios de Gregoriano, dirigiu-nos p a l a v r a s de agrado e informou-nos do ensino da mesma disciplina nos Seminários da sua diocese. Disse estar muito satisfeito com este seu primeiro contacto com a Europa e falou da necessidade dum espírito universal que, não indo contra as nacionalidades, vai além delas, e que será a melhor concretização da nossa unidade eclesiológica.

Sessões Académicas

Para o dia 15 de Novembro anunciou a Academia de Santo António uma conferência do Rev.mo Senhor Padre Reed, O. P., situada no plano geral dos trabalhos a estudar no corrente ano académico. Foi propositadamente que o ilustre dominicano, tão nosso estimado pelo seu espírito entusiasta e apostólico e pela simpatia que dedica aos novos, veio do Porto ao Seminário dos Olivais. Falou-nos de «Novos Tempos — Novas exigências»; do papel fundamental do

Padre na reconstrução do mundo futuro; da urgência de tomarmos posições que não sejam nem as da ineficácia e ridículo de conservadores estagnados, nem as da actividade nefasta de progressistas extremos. Acautelou-nos do perigo do individualismo na vida cristã; do perigo de o sentimentalismo haver tomado o lugar da Fé, e as devoções o lugar da devoção. A revolução para o mundo melhor — disse — far-se-á não com os entusiasmos das manifestações pomposas, mas quando houvermos consciência bem viva da nossa unidade em Cristo. A sua conferência veio activar em nós essa consciência; veio mostrar-nos como as responsabilidades não se podem esquecer, porque — afirmou o Padre Reed — «errar é perder a nossa geração».

Na mesma sessão o académico António Alves Guerra falou-nos das dissensões entre católicos no domínio temporal e social.

*

* *

A secção de Filosofia, este ano dirigida pelo aluno do 3.º ano Humberto Brás Salvador, continua apresentando as suas sessões num ambiente de arte e amenizadas seja pela apresentação de música clássica e canções populares, seja pela iniciativa de curiosos concursos.

Nas duas sessões efectuadas, leram-se trabalhos de apreciado valor. Na primeira, Francisco Monteiro Fernandes evocou Frederico Ozanam e o presidente da secção, atrás nomeado, deu-nos uma profunda lição científica sobre «a Energia nuclear e suas aplicações». Em segunda sessão, foram evocados a figura histórica de Átila, «o flagelo de Deus» (+ 453) e o gigantesco vulto de São Bernardo (+ 1153, que encheu toda a história da Europa no Séc. XII a ponto de ultrapassar o tempo e conquistar a eternidade. De Átila falou David Pinho Esteves e de São Bernardo, Helder Veríssimo Franco.

Actividades Missionárias

Não se tem poupado a elas o Círculo Missionário de S. João de Brito fundado no Seminário para que se realizem os votos da Santa Sé. Por iniciativa do Círculo não deixamos de ter conhecimento dos principais sucessos e mais agudos problemas das Missões em todos os continentes, através das numerosas revistas missionárias que o próprio Círculo nos vai pondo à mão.

No penúltimo Domingo de Outubro, celebrando o Dia Missionário Mundial, veio falar-nos o Rev.mo Senhor Padre Albano Correia Pedro, da S. P. M. C. U., que nos havia pregado os exercícios espirituais ao começar o ano lectivo. Falou-nos dos principais problemas da vida e formação do Padre Missionário. A sua conferência despertou um interesse invulgar e abriu-nos horizontes mais vastos e actuais no campo da Missionologia. Foi um dia de oração, sacrifício e esmola pela Missões.

F. MELRO

NOTA DA ADMINISTRAÇÃO

Instamos junto dos nossos leitores para que nos enviem a importância relativa às suas assinaturas, porque tencionamos proceder à cobrança a partir deste mês.

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

SAÇOR

Um esforço diário de
800
PORTUGUESES

SAÇOR
EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

OURIVESARIA ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro.

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico.

Rua das Flores, 191 a 211
PORTO

Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA

SOCIEDADE INDUSTRIAL
METALÚRGICA
S. A. R. L.
SERRALHARIAS
Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

SOCIEDADE EDITORA
ALA ESQUERDA L.DA
Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas
Trabalhos Tipográficos em todos os géneros
Telefone. 268 - BEJA — Apartado 25
(Oficinas Gráficas da Diocese)

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

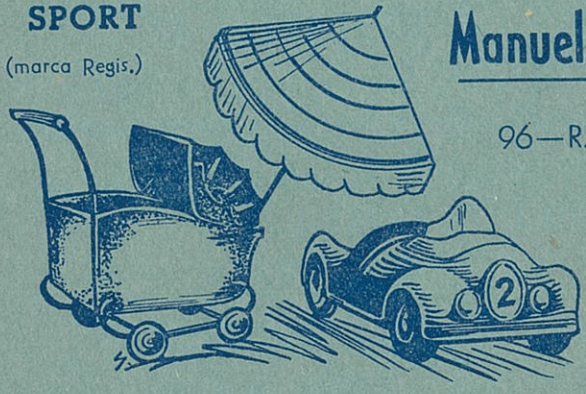
Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

SPORT

(marca Regis.)



Manuel José Soares

96—R. Coelho Neto—98

Telefone 51676

PORTO

Fabricante de automóveis, triciclos, carros e cadeiras para crianças.

Nos Bazares prefira sempre a marca **'SPORT'**.

Especialidade em toldos, guarda-sois, ferragens e panos em todos os modelos para estabelecimentos

FÁBRICA DE COROAS

E

Flores Artificiais em todos os géneros

CASA FUNDADA EM 1896

ARMAZÉM DE ARTIGOS FUNERÁRIOS

PARAMENTOS DE IGREJAS **MATERIAL DE ARMADOR**

OBRAS DE PALHETA

CARVALHO & IRMÃO

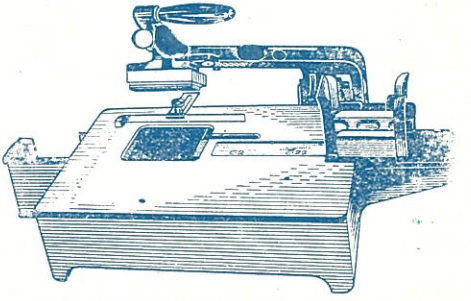
47, RUA DOS CALDEIREIROS, 151 (EM FRENTE À TRAV. DOS CLÉRIGOS)

Telegramas: GALÕES-PORTO. TELEFONE, 21994 (P. P. C.) PORTO

Mad. 7

ADREMA

Máquinas de endereçar e de organização administrativa.



O melhor sistema de fichas metálicas, para a execução de quotas, recibos, folhas de salários, etc..

REPRESENTANTES : J. GONÇALVES L.DA

P. da Figueira, 7 — 3.º LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 RUA DO OURO, 166 a 170

Lustres — Lanternas — Placas -- Casticais — Lâmpadas -- Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS AQUECIMENTO CENTRAL ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO VENTILAÇÃO CONTRA INCÊNDIOS
PARA -- RAIOS ASCENSORES TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO



LEMBRE-SE DE QUE OS SEUS OLHOS SÃO DE UM VALOR INESTIMÁVEL

PORTANTO CONFIE O RECEITUÁRIO ÓPTICO Á

HORÓPTICA, L.DA

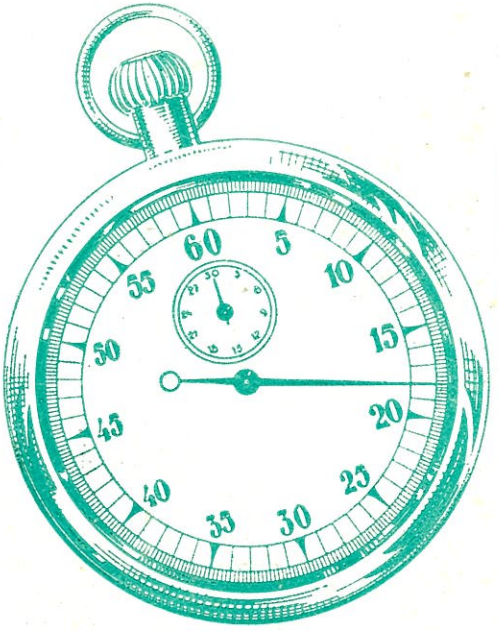
R. S. JUSTA, 27 ★ TELEF. 21465

A CASA QUE LHE ASSEGURA UMA CUIDADOSA E PERFEITA EXECUÇÃO

Descontos ao Rev.mo Clero

TOSSE ?

DESAPARECE RÀPIDAMENTE





COM

BENZO-DIACOL